

Diversidade no ambiente escolar: vivências e violências

Natália Woppe¹

Hylío Laganá Fernandes²

Resumo: Este trabalho consiste em um relato de uma professora iniciante na área de Ensino de Biologia. O objetivo foi trabalhar o conteúdo de genética que é abordado no segundo ano do ensino médio, e compreender os preconceitos sociais ligados ao tema. Foram aplicadas duas metodologias distintas: Uma alternativa utilizando textos, questionários e debates; associada a uma tradicional, efetuando uma aula expositiva. Permitindo que os alunos expressassem seus argumentos, evidenciando as possíveis interpretações de acordo com o contexto social e situações vividas em seu cotidiano, para que interligassem com as circunstâncias abordadas nos textos selecionados. Diante disso, os debates foram utilizados para uma análise dos discursos sobre três tipos de preconceitos em destaque nas grandes mídias: Homofobia, Machismo e Racismo. Assuntos alarmantes na sociedade atual.

Palavras chave: Preconceito, Diversidade, Debate.

1 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, natalia_woppe@hotmail.com;

2 Orientador da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, hylío@ufscar.br;

Introdução

A sociedade é organizada por categorias que são justificadas por questões fenotípicas, socioeconômicas, religiosas, morais, ambientais, entre outras. Essas divisões geram um sentimento de pertencimento ou rejeição: fatores que permitem ou não estar em determinados espaços, relações ou funções (SILVA,2000). Possibilitando o surgimento dos conceitos previamente adquiridos pelo núcleo social a qual o sujeito pertence. Esses preconceitos se estruturam enquanto justificativa para intolerância, dando poder a determinados sujeitos de não aceitarem o outro como um indivíduo pelo fato de não ser pertencente ao mesmo grupo. Como reflexo direto, a violência estrutural; seja física, simbólica ou psicológica. Em decorrência de ser diferente do hegemônico. Em momentos de crise, a caça ao diferente se torna política de Estado, tomando-o como a causa do momento ruim (CHARLOT, 2002).

Segundo Peter L Berger e Brigitte Berger (1975) as entidades sociais são descritas como fonte crucial na formação do indivíduo, visando adequação na sociedade a qual pertence. A escola é uma dessas entidades sociais, possuindo papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Sendo assim, a violência está imposta também no ambiente escolar (CAMACHO, 2001). Ocorrendo atos violentos de uma forma velada ou implícita nos pátios e salas de aula, por se tratar de uma zona de socialização. Normalmente, os agressores possuem comportamento padrão, sendo indisciplinados, não interagindo com projetos das escolas, negando-se a estudar; são considerado como “maus alunos”, focando suas agressões nas minorias. Porém, também sofrem violência no ambiente externo e no escolar. A escola puni formas explícitas de violência, entretanto, quando mascarada a escola se torna insensível a esses tipos, mas não por negligência da escola e sim por comportamento da sociedade em geral, pois, a adequação dos indivíduos em finalidades comuns é naturalizada, levando a discriminação do diferente (SALLES, 2008).

E, apesar de ser um ambiente que está exposto à violência, a escola ainda proporciona a discussão da diversidade de modo mais seguro para os alunos do que fora dela. A figura dos colegas e professores, também diferente, e dos professores e professoras, estimula a empatia e aceitação, ao mesmo tempo que pode estimular a rejeição e segregação. Dentro de uma sala aula é possível a inclusão da diversidade, por meio da criação de um ambiente acolhedor, de forma construtivista e relacionada ao ensino aprendizagem previamente exigido (SILVA,2000). O educador tem, portanto,

o desafio de combater a violência escolar de forma a fazer da escola um espaço que escute, proteja e olhe para o sujeito no seu singular e coletivo.

Utilizou-se neste relato as falas dos alunos. A intenção foi estimular o senso crítico em relação ao cenário dessas problemáticas, aproveitando suas vivências para construir os argumentos. Além da busca, durante as dinâmicas, por inserir a linguagem científica no cotidiano dos alunos.

Foram discutidos três tipos de preconceitos que estão englobados no contexto social em que os alunos vivem e expostos nas mídias. O primeiro tema escolhido foi a homofobia, baseado na observação de que os alunos, em especial os meninos, usavam palavras ofensivas contra outros alunos referindo-se à sexualidade, expondo os alunos homoafetivos, e fazendo da sala um ambiente tóxico e de repressão das expressões. A partir de relatos de situações vividas pelos alunos, os temas do racismo e da violência doméstica foram abordados. E como mote para fomentar os debates dentro da grade curricular, optei por trabalhar textos de genética que tivessem um olhar sobre o tema.

Metodologia

A escola em que foi realizada a pesquisa está localizada em uma parte considerada periférica no município de Sorocaba interior de São Paulo; nela se ministram aulas para o ensino fundamental II, Ensino médio e o EJA (Educação de Jovens e Adultos). A sua localização no bairro é rodeada por algumas casas e comércio, entretanto os professores da escola não se sentem seguros em relação ao bairro, não ocorrendo atividades externas e a participação da comunidade. Em 2019, acompanhei os alunos do segundo ano do ensino médio, criando um vínculo com eles: graças a isso foi possível obtenção desses resultados.

A partir das observações feita em sala, soube que a metodologia que impactasse e envolvesse os alunos, seria pelo diálogo: Visto que esses alunos são postos em situações extrema de intolerância e tem um poder de fala quando são questionados. E esta metodologia foi realizada com uma contendo 40 alunos.

Foi realizada em duas etapas: inicialmente foram selecionados três textos do gênero divulgação científica que englobavam o conteúdo de genética que relacionava algum tipo de preconceito. O primeiro sobre a homofobia, foi escolhido o texto "O gene gay" desenvolvido pelo Centro de Estudo do Genoma Humano e Célula-Tronco da USP, apresenta um estudo realizado no Estados Unidos utilizado gêmeos monozigóticos para desvendar se algum

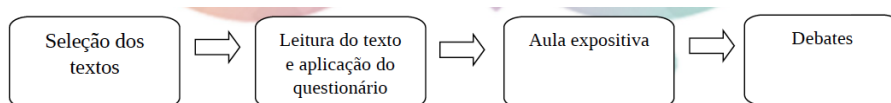
traço genético interferia na orientação sexual dos gêmeos. O segundo texto é da Universidade Federal Viçosa, “Depressão pode mudar seu genoma, diz estudo” onde aborda sobre um estudo realizado no Reino Unido, que perceberam que os camundongos apresentavam sintomas de depressão possuíam uma mutação no DNA mitocondrial, logo concluíram que por somente a fêmea transmitir o DNA mitocondrial estava ligado ao gênero, este texto abordamos o conceito de machismo. E, por último, foi escolhido o “Geneticamente reprovada, socialmente presente” que aborda o conceito histórico do racismo e como era e é utilizado a genética para justificar o preconceito da revista Ciência Hoje.

Foi aplicado um questionário logo após a leitura do texto, contendo perguntas fechadas sobre a impressão do aluno em relação ao texto, com objetivo de coletar dados quantitativos que consistiu em um resultado parcial, fornecendo elementos para iniciar discussões. Logo após a leitura foi realizada uma aula expositiva que abordava o conteúdo de biologia que era apresentado no texto, por exemplo expressão genica, estrutura do DNA, com a intenção de ensinar o conteúdo de modo alternativo e discutir as dúvidas que foram levantadas em relação ao conteúdo.

Em outra aula foi realizado um debate, mediado por mim, a partir das dúvidas levantadas na aula anterior e dos resultados obtidos pelos questionários. Inicialmente, o objetivo era aproximar do cotidiano dos alunos textos de divulgação científica, que normalmente não são trabalhados na disciplina, mostrando as características desse tipo de texto e destacando sua importância como meio de divulgação científica. Entretanto, o resultado obtido, principalmente na etapa dos debates, demonstrou que a interpretação inicial do aluno, independente do gênero do texto, estava carregada de concepções associadas ao contexto social e cultural na construção de sua argumentação, por exemplo, com a reprodução de argumento que foi vivenciado dentro do núcleo familiar do aluno. Esta observação orientou a mudança do objetivo do trabalho, focando na análise do discurso do aluno e sua interpretação.

Abaixo um fluxograma do planejamento das etapas que consiste este trabalho:

Imagem 01: Fluxograma da metodologia realizada.



Resultados

O questionário consistia em quatro perguntas e os textos foram aplicados para todos os alunos e cada mês foi debatido um tipo de preconceito. Como encontrados na tabela abaixo:

Tabela 01: Perguntas do questionário inicial com as respostas fechadas.

Perguntas	"Gene Gay"	"Depressão pode mudar seu genoma"	"Geneticamente reprovada, socialmente presente"
Você sabe o que é divulgação científica?	Sim 32,50% Não 67,50%	Não se aplica	Não se aplica
O que mais chamou sua atenção?	Título 25,5% Texto e/ou imagem 0%	Título 62,5% Texto e/ou imagem 37,5%	Título 97,5% Texto e/ou imagem 2,5%
Você acha título apropriado ao texto?	Sim 100% Não 0%	Sim 75% Não 25%	Sim 95% Não 5%
Qual foi sua impressão em relação ao texto?	Polêmico 77,5% Objetivo 12,5% Não entendi 10%	Polêmico 62,5% Objetivo 0% Não entendi 37,5%	Polêmico 87,5% Objetivo 10% Não entendi 0%

Os dados demonstram que os textos sobre homofobia e racismo chamaram mais atenção dos alunos pelo o título, e pelo seu conteúdo pois consistia uma linguagem mais informal e perceberam a utilização de palavras polêmicas no título era para chamar atenção do leitor ao texto. Enquanto o segundo texto, os alunos não acharam polemico, pois ele aborda mais termos científicos em relação aos outros textos, e consideraram a compressão mais difícil. Deixando-os confuso.

Homofobia

No início dos debates, os alunos ficaram retraídos em falar sobre assunto, principalmente sobre o texto que abordava o tema homofobia, que foi o primeiro a ser abordado: os alunos do sexo masculino se sentiram mais retraídos em relação ao tema do que o sexo feminino, e inclusive os meninos apresentaram diversas brincadeiras, sempre relacionado à masculinidade do outro. Após a apresentação de uma propaganda (vídeo) de um produto que tinha o foco discutir a "masculinidade frágil", que se manifesta em muitas situações semelhantes vividas por eles, os meninos se sentiram menos ameaçados a falar sobre, e foi quando um aluno relatou, após no

vídeo ter visto um amigo repreender o outro em função de uma abordagem grosseira feita a uma mulher – “Eu não falava para meus amigos pararem de mexer com a menina, porque tinha medo de eles me chamarem de viado” - percebendo em si que uma atitude de empatia para com uma mulher não direcionava como uma perda de masculinidade. Também relataram que as atitudes de demonstração de sentimentos tornavam o homem mais afeminado, logo, ele seria homossexual.

Isso demonstra, segundo Meyer e Borges (2008) e Renold (2002), quando um homem apresenta qualquer comportamento indicado como feminino para sociedade, são julgados e discriminados. A cultura enfatiza esse preconceito ao desvalorizar toda atitude relacionada a feminilidade. E se o indivíduo apresenta este tipo de comportamento, a sociedade julga como uma perda de masculinidade.

E sobre as meninas lésbicas, a maioria dos argumentos dos meninos afirmavam que sua sexualidade era fruto de uma experiência ruim com homens ou era frescura. Ou seja, de uma forma geral os meninos expressaram opiniões homofóbicas, embora com a intenção tácita de salvaguardar a própria masculinidade, num processo caracteristicamente adolescente de autoafirmação, mas através do qual se entreveem os preconceitos homofóbicos culturalmente estabelecidos. Segundo Renold (2002), os discursos sexistas e homofóbicos dos meninos demonstram uma masculinidade hegemônica perante o seu grupo social. As meninas apresentavam uma empatia maior em situações de preconceitos que os homoafetivos sofreram e sofrem.

Sobre a temática sexualidade e a iniciação sexual, quando mencionado sobre as abordagens dos pais dos alunos. Os meninos tomaram um protagonismo relatando suas experiências, sempre mencionando que o pai que orientava somente sobre o ato sexual e poucos mencionavam sobre os tipos de prevenções. E as meninas perceberam contradições das orientações que recebiam em casa, deixando-as irritadas, pois sempre era a mãe que falava sobre o tema, abordando somente a gravidez indesejada e as prevenções, dando a entender como algo desagradável. Onde houve uma fala de uma aluna – “Quando conversei com minha mãe, ela falou que era pra se prevenir para não engravidar e não quis mais falar desse assunto e não falei com meu pai por medo” – Essa frase reflete algo cultural da nossa sociedade, onde o ato sexual prazeroso é somente para homem e a mulher tem o papel de reprodução; hoje em dia está enraizada pelas gerações que orientam seus filhos da mesma maneira que foram orientadas, realizando uma reprodução de argumentos. De modo que as mulheres são criadas com uma visão que ato sexual é algo para reprodução e não prazeroso, pois a cultura traz esse

pensamento, que mulher tem que cuidar do marido, da casa e dos filhos e seu papel na sociedade é gerar descendentes. E ao longo tempo a mulher está disputando para ter a autonomia de escolher sem julgamento da sociedade, porém está enraizado em nossa cultura um aspecto de submissão. Enquanto o homem é colocado em pedestal em relação ao prazer sexual e na constituição da família, deixando a mulher em papel coadjuvante no processo.

Baseado no texto e o debate, os alunos construíram uma empatia em relação a vida dos homoafetivos, mesmo os alunos que não aceitam a homossexualidade. Também perceberam a distinção do tratamento entre homens e mulheres quando abordamos a sexualidade e o preconceito mascarado nas tradições culturais.

Machismo

Em relação ao debate sobre a violência, o que chamou atenção foi a naturalização da violência nos alunos, partindo de um texto que englobava a violência contra a mulher e caracterização do machismo. Entretanto, os alunos não se impactaram com texto e justificaram durante o debate que muitos passavam por este contexto dentro de casa, em algumas situações eram corriqueiras e a própria naturalização que as grandes mídias apresentam guerra e assassinatos; houve ainda muitos relatos de vivência dos alunos em um ambiente violento ou uma situação violenta. No debate surgiram frases significativas vindas dos meninos, como: – “Mulher que não obedece ao marido tem que apanhar mesmo!” – “Essas meninas que ficam com tudo mundo é tudo vagabunda merece apanhar!” – “Meu irmão bate na minha cunhada, mas é porque ela merece”. Muitos alunos têm contexto social enraizado sobre a violência por estar inserida desde seu nascimento em sua família e na comunidade vivente; eles reproduzem este tipo de fala, tornando como opinião deles. As meninas, neste tema, muitas ficaram caladas e outras extremamente irritadas com as falas dos meninos. – “Como assim, você deixa bater na sua mãe?” – “Como assim vocês acham isso certo?”.

Com base aos relatos de alunos, foi possível visualizar a realidade dos alunos e a percepção deles a essas situações demonstrando impotência perante a isso. Entretanto a partir dos debates, floresceram questionamentos das atitudes de seus amigos e familiares, sendo possível uma futura intervenção. Segundo o Todorov (1981), aponta que construção da argumentação são fundadas em relações sociais em seu devido contexto sociais. Demonstrado nas falas dos alunos sobre a naturalização da violência.

Racismo

Sobre o racismo, a discussão permaneceu sob o foco do comportamento da sociedade e do governo perante os negros, englobando a distinção de oportunidades no mercado de trabalho, no ensino superior, na comunidade. Sendo que a maioria dos alunos são negros e muitos relataram situações de discriminação que sofreram. - “Eu sei que se estiver acompanhado com um amigo branco, eu serei revistado porém ele não, eu sei que é pela minha cor”- “Sou burro, sou pobre, tenho que virar bandido que nem meus irmãos” – “ Eu sei que essa inspetora se irrita somente comigo por causa da minha cor” – “Dona... eu sei porque fui seguida no shopping”. São frases que os alunos do ensino médio e fundamental relataram, ficando evidente que eram situações de discriminação racista. E segundo Bakhtin (2004) e Marx (1971), o sujeito possui uma autoconsciência de pertencente a tal classe social e o ser social, por suas relações sociais na sociedade.

“[...] não é a consciência dos homens que determina seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência [...]”. (MARX, 1971, p. 29)

“[...] são determinadas, sob todos os aspectos, por fatores socioeconômicos [...]”. (BAKTIN, 2004, p. 86)

Ou seja, os alunos tinham a consciência que esses comportamentos eram pela razão de seu contexto social e sua cor. E a partir dos debates houve incentivos dos próprios alunos para se revoltarem sobre as situações e insistir a sair destes parâmetros que a cultura impõe e auxiliar os amigos e familiares a sair desta situação.

Considerações Finais

As circunstâncias em que os alunos estão inseridos na sociedade, desde sua religião, sua comunidade, sua família. Eles reproduziam argumentos de seus responsáveis como sua opinião própria desses temas, pois nunca questionaram. As falas e a compreensão dos textos, explicitando suas falácias, foram um conjunto envolvendo todo histórico dos alunos e do professor, sendo possível o desenvolvimento crítico as situações que foram apresentados a eles.

O debate foi a ferramenta que mais gerou um encorajamento nos alunos, pois foi observado uma participação maior comparada com uma aula tradicional, pois instigou a expressar seus questionamentos sem temor, a

visualizar a realidade do outro respeitando suas diversidades e se rebelar por situações preconceituosas, dando uma motivação ao aluno a procurar a informação e discutir com outro sobre qualquer assunto.

Agradecimentos e Apoios

Agradeço ao meu orientador por me incentivar e auxiliar a escrever essa primeira experiência que pude ter na minha carreira e poder divulgá-la. E agradecer a escola que deu a abertura para eu realizar este trabalho e compreender a importância desta intervenção para os alunos.

Referências

BAKHTIN, M.M. **Freudismo. Um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERGER, P. L.; BERGER, B. **Sociology - A biographical Approach**. Inc. Nova Iorque: Basic books, 2. ed., p. 73-81, 1975.

CAMACHO, LUIZA MITIKO YSHIGURO. **A violência nas práticas escolares de adolescentes**. ANPED-CDROOM, GT Sociologia da Educação, 2001.

CHARLOT, BERNARD. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Revista Sociologias. Porto Alegre, n.8, ano 4, p.432-443, jul./dez. 2002.

GARCIA, M. **Geneticamente reprovada, socialmente presente**. Ciência Hoje On-line. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/geneticamente-reprovada-socialmente-presente/>. MARX, K. Contribuição para a crítica da economia política (Prefácio). Lisboa: Estampa, 1971 (Col. Teoria).

MEYER, ZM e Borges, DE (2008). **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, RJ, v. 16, n. 58, p. 59-76.

SALLES, L.; SILVA J.M. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. Revista Cadernos de Educação. Pelotas, n.30, p 149-166, jan/jun 2008.

SASSI, F. **Biologia na web: Depressão pode mudar genoma, diz estudo.** Coordenada pela Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <https://www.biologianaweb.com.br/?p=2338033>.

SILVA, TOMAZ TADEU da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

RENOLD, E (2002) **Presumed Innocence. (Hetero)sexual, heterosexist and homophobic harassment among primary school girls and boys.** *Childhood* 9; 415

USP (org.). **O gene gay.** Disponível em: <https://estanodna.ib.usp.br/sexualidade.html>.